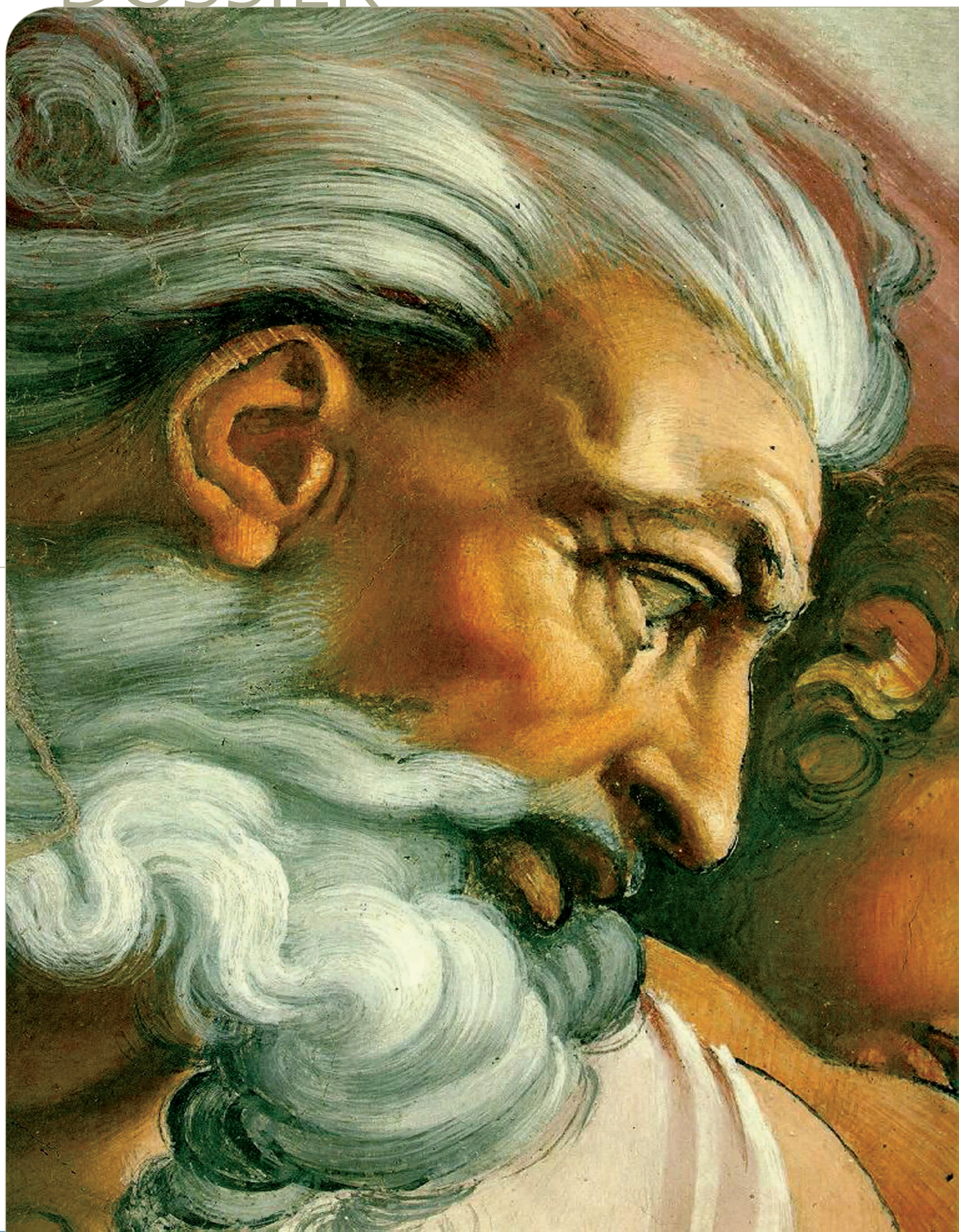


DOSSIER

18



O NOVO NOVO ATEÍSMO

O novo novo ateísmo enfraquece o profundo compromisso com a liberdade e a igualdade dos indivíduos que une ateus e crentes.

“**N**ão há nada de novo sob o sol” declara o Livro de Eclesiastes. A ascensão do novo novo ateísmo vem confirmar esta antiga sabedoria bíblica. É evidente que as palavras do Eclesiastes não devem ser lidas num sentido absolutamente literal, uma técnica muito usada por aqueles que acreditam poder refutar a existência de Deus demonstrando que a Bíblia está repleta de afirmações auto-contraditórias e desmentidas pelos factos.

Um dos desenvolvimentos mais surpreendentes dos últimos tempos é o facto de a proclamação do ateísmo se ter tornado num negócio lucrativo. De acordo com um artigo recente do *Wall Street Journal*, os novos campeões do ateísmo venderam perto de um milhão de livros. Foram publicadas cerca de 500 mil edições de capa dura de *The God Delusion* (2006) de Richard Dawkins; 296 mil cópias de *God is Not Great: How Religion Poisons Everything* (2007) de Christopher Hitchens; 185 mil cópias de *Letter to a Christian Nation* (2006) de Sam Harris; 64 mil cópias de *Breaking the Spell: Religion as a Natural Phenomenon* de Daniel C. Dennet e 60 mil cópias de *God: The Failed Hypothesis: How Science Shows that God Does not Exist* (2007) de Victor J. Stenger.

Ser lucrativo não é a única característica que distingue a descrença actualmente em voga das variedades de ateísmo que foram surgindo ao longo do milénio. Ao contrário do ateísmo clássico de Epicuro ou Lu-

crécio, que rejeitava a crença na divindade em nome do prazer e da tranquilidade, o novo novo ateísmo recusa Deus em nome das ciências naturais, da liberdade individual e da igualdade humana. Ao contrário do ateísmo iluminista do século XVIII, que despontou numa sociedade ainda eminentemente religiosa e que frequentemente tentava disfarçar ou abafar a sua descrença, o novo novo ateísmo proclama dos pontos mais altos do planeta, com orgulho e a alta voz, o seu ódio por Deus e pela religião organizada. E, diferentemente do ateísmo moderno de Nietzsche e Heidegger, que considerava a morte de Deus uma catástrofe para o espírito humano, o novo novo ateísmo olha para a erosão da fé religiosa no mundo moderno como um bem maior, lamentando apenas a manutenção de uma resistência disseminada e perversa ao desaparecimento definitivo da desesperada crença primitiva na presença divina na história.

Os Srs. Dawkins, Hitchens, Harris e restante companhia reivindicam com justeza uma certa originalidade. Mas não onde ela existe realmente. Argumentam que do ponto de vista do século XXI, e em resultado do progresso moral da humanidade e das conquistas das ciências naturais, é-nos possível saber actualmente, com certeza e de modo definitivo, que Deus não existe e que a religião é uma fraude. A discrepância entre o tom clamoroso e desafiador das suas retóricas e as limitações dos seus principais argumentos é assombrosa.



A defesa do novo novo ateísmo surge mais recentemente e de modo mais vigoroso e engenhoso em *God is Not Great* do meu amigo Christopher Hitchens. Devo dizer que o Sr. Hitchens é simplesmente incapaz de proferir ou escrever uma frase enfadonha. E, devo acrescentar, que só alguém muito ousado ou louco se imiscuiria num tema que é tão querido ao Sr. Hitchens.

Todavia, os seus argumentos não conseguem pôr em causa a existência de Deus, nem demonstrar que a religião é um mal irremediável. Consideremos a sua afirmação, elaborada longamente e com gosto, de que pela sua própria natureza a religião impele as pessoas a agir com violência e crueldade. Segundo o Sr. Hitchens a religião ensina as crianças a odiar os descrentes, encoraja os adultos a envolverem-se em massacres e conquistas tendo em vista a maior glória de Deus, e obriga os “verdadeiros crentes” a circular incessantemente pelo globo submetendo os povos e as nações “até todo o mundo se ajoelhar.”

Qualquer pessoa decente fica atemorizada com a história sangrenta da opressão e da guerra realizada em nome dos deuses e de Deus desde tempos imemoráveis. Mas o Sr. Hitchens sabe bem que os seres humanos não nascem numa condição de liberdade e pureza rousseauniana tornando-se selvagens pela imposição das grilhetas da religião.

Como tal, deveria ter perguntado se, e em que medida as várias religiões inflamaram ou ao contrário disciplinaram a poderosa tendência inata da humanidade, comprovada pelas ciências sociais, para lutar e matar. Mas não o fez.

Uma questão desse tipo abre possibilidades intrigantes. O Sr. Hitchens zomba da crueza do princípio bíblico conhecido em latim como a *lex talionis*, ou “olho por olho, dente por dente, mão por mão, perna por perna”. Mas, suponhamos, como é sugerido pelos ensinamentos judaicos, que este princípio bíblico pôs fim à prática de se exigir uma perna pelo pé e a vida por um olho e, no seu lugar, estabeleceu um princípio que, apesar de não ser hoje em dia interpretado do mesmo modo, continua a ser a pedra de toque da nossa noção de justiça – que o castigo deve ser proporcional ao crime.

Do mesmo modo, o Sr. Hitchens torna desprezível o episódio bíblico em que Abraão vai imolar o seu filho Isaac e no último minuto um anjo detém a mão do próprio Abraão. O Sr. Hitchens questiona-se sobre que tipo de selvagem estaria preparado para sacrificar o seu filho a mando de Deus e que indivíduos tão pouco morais honrariam um homem desses ou a divindade que decretou tal ordem? E, no entanto, a afirmação categórica do Sr. Hitchens de que a religião envenena tudo fica minada pela interpretação cor-

rente de que ao testar Abraão Deus ensinava, entre outras coisas, que a prática então bastante frequente de sacrificar crianças era contrária à sua vontade e que devia ser abandonada para sempre.

Ao mesmo tempo o Sr. Hitchens quase nada diz sobre o papel histórico da religião, particularmente do cristianismo, e especialmente na América, como catalizador daqueles que partilhavam profundamente e de modo abrangente a crença na liberdade, na democracia e na igualdade, em direcção a um território onde estes se enraizaram e deram fruto – um tema tratado com acuidade pelo professor de ciências informáticas de Yale, David Gelernter, na sua mais recente obra *Americanism: The Fourth Great Western Religion*.

Numa manobra de antecipação, diz que os críticos apontarão para os crimes contra a humanidade cometidos no século XX pelos ideais seculares, como modo de atenuar os pecados da religião. Mas o próprio Sr. Hitchens tenta desviar esse desafio com sofisma: “É interessante verificar que as pessoas de fé tentam argumentar de modo defensivo que não há nada pior do que os estalinistas ou os nazis.” Mas quem é que está a ser defensivo? É o Sr. Hitchens que insiste de maneira inequívoca em que a religião envenena tudo e é também ele que proclama que a erradicação utópica da religião dominará a propensão humana para o mal, ao mesmo tempo que resolve uma série de questões perenes.

As suas observações sobre o facto do totalitarismo do século XX ter assumido várias características religiosas também não fortalecem a sua posição. Apenas tornam evidente a necessidade de se estabelecer a distinção entre ensinamentos religiosos autênticos e corruptos, justos e injustos, o que o Sr. Hitchens se recusa liminarmente a fazer. Deixa assim em aberto a questão sobre porque é que o secularismo adoptado pelo século XX suscitou uma depravação humana sem precedentes.

Mesmo que ele aceitasse que a religião não envenena tudo, é provável que o Sr. Hitchens continuasse a argumentar que as descobertas da ciência moderna provam que Deus não existe. Graças ao nível de conhecimento atingindo sobre o funcionamento real da ordem natural – em particular às descobertas realizadas por Charles Darwin e à física moderna – conclui que “todas as tentativas de reconciliar a fé com a ciência e a razão estão destinadas a falhar e ao ridículo.”

Contudo, esta conclusão parece contrariar a opinião do falecido Stephen Jay Gould, a que o Sr. Hitchens se refere como “um grande paleontólogo” e cuja autoridade invoca em apoio do pressuposto de que o acaso é um dos elementos essenciais da evolução. Referindo-se a pesquisas que mostravam que metade dos cientistas são religiosos, Gould comentava divertido: “Ou metade dos meus colegas é imensamente

estúpida ou então a ciência de Darwin é inteiramente compatível quer com as crenças religiosas convencionais, quer igualmente com o ateísmo.”

Estas palavras são citadas em *Dawkin's Delusion* da autoria de Alistair McGrath, detentor de um doutoramento em biologia molecular em Oxford onde é actualmente professor de teologia histórica, e da sua mulher Joanna Collicutt McGrath que estudou psicologia experimental em Oxford e é agora leitora de psicologia da religião na Universidade de Londres. Na opinião dos McGrath, Gould estava certo ao presumir que tanto as crenças religiosas convencionais como o ateísmo são compatíveis com as ciências naturais, até porque “é preciso reconhecer que existem muitas questões que pela sua própria natureza se situam para além do alcance legítimo do método científico.”

Entre essas questões – para as quais o espírito humano tende naturalmente a encaminhar-se, apesar de estar por vezes susceptível às emboscadas do cientismo rude a que o próprio Sr. Hitchens por vezes soçobra – encontra-se a seguinte: De onde veio o universo e que finalidade o governa?

No que toca ao argumento de que a bíblia está cheia de falsidades e contradições, o Sr. Hitchens apoia-se fortemente numa velha fraude. É verdade que a tradição ensina que Moisés escreveu o Pentateuco, porém o Pentateuco refere-se a Moisés na terceira pessoa do singular e conta a história da sua morte. É verdade que Mateus e Lucas discordam sobre a imaculada concepção e a genealogia de Jesus. E por aí fora. O literalismo das leituras do Sr. Hitchens envergonharia até os mais fundamentalistas.

E, contudo, não é válido isolar os supostos significados religiosos da bíblia das comunidades e tradições interpretativas sobre as quais se elaboraram os seus ensinamentos. Seria o mesmo que tentar compreender o significado da Constituição dos EUA sem referência aos *Federalist Papers* que fornecem os comentários mais conceituados sobre os princípios em que se alicerça esse documento fundamental, ou sem referência a dois séculos de jurisprudência do Supremo Tribunal de Justiça, ou mesmo sem referência a dois séculos da experiência política do povo americano com o enquadramento institucional que põe em prática a constituição.

Quando está a defender que a razão deve considerar a fé como o inimigo a abater, o Sr. Hitchens afirma também que o ensinamento de Sócrates sobre o conhecimento consistir na constatação da nossa própria ignorância é a “definição de uma pessoa educada”. E, no entanto, o próprio Sr. Hitchens não parece reconhecer que o seu ateísmo longe de resultar de uma indagação céptica constitui um postulado dogmático rígido do qual decorrem as suas averiguações, e que determina as suas observações e decide as suas conclusões.

Tanto as crenças religiosas convencionais como o ateísmo são compatíveis com as ciências naturais, até porque “é preciso reconhecer que existem muitas questões que pela sua própria natureza se situam para além do alcance legítimo do método científico.



O Sr. Hitchens é de longe o mais recreativo e erudito dos novos novos ateus. Mas os seus erros e excessos são partilhados por todos os outros. Erros e excessos que têm consequências políticas perniciosas, amplificando diferenças odiosas entre concidadãos e obscurecendo diferenças cruciais entre os diversos crentes ao longo do planeta.

Jogando com a raiva e as intolerâncias que degradam a política americana da actualidade, o novo novo ateísmo enfraquece o profundo compromisso com a liberdade e a igualdade dos indivíduos que une os ateus e os crentes na América. Ao mesmo tempo, ao considerar todas as religiões como uma mesma grande patologia maligna, os bem sucedidos autores ateus apagam a distinção crucial entre as formas de crença perfilhadas pela vasta maioria dos cidadãos americanos e o Islão militante que neste preciso momento se dedica à destruição da América.

Tal como a filosofia, a religião bem entendida começa no espanto. E as criaturas mais maravilhosas são os próprios seres humanos. De todos os ensinamentos bíblicos sublimes e mais auxiliares nenhum o é tanto como o ensinamento que explica que a humanidade é um caso à parte porque todos os seres humanos – sejam homens ou mulheres enfatiza a bíblia – foram criados à imagem de Deus (Génese 1: 27).

Considerar que um ensinamento é sublime e auxiliador não o torna verdadeiro. Porém, essas propriedades, juntamente com o papel crucial no lançamento dos alicerces morais do mundo ocidental através da crença na igual dignidade de todos os homens e mulheres – crença que os novos novos ateus consideram garantida e para a qual não oferecem alicerces alternativos evidentes – é razão suficiente para respeitar as várias religiões. E é razão suficiente para considerar os crentes pessoas decentes que se esforçam para dar sentido a um mundo misterioso.